

No IV centenário do nascimento de Pascal

O amor apaixonado por Cristo e o serviço dos pobres eram, em Pascal, as duas faces de uma única realidade.



Frei Bento Domingues O.P.

25 de Junho de 2023 – Jornal Público

1. Nas Conferências de Maio de 1984, promovidas pelo Centro de Reflexão Cristã (CRC), subordinadas ao tema *Deus Interrogado*, Eduardo Lourenço mostrou que, mesmo que não leve a palavra Deus escrita, apesar de tudo, "no Ocidente não se levantou outro modelo cultural (e, mais além do cultural, um modelo existencial) mais profundo e mais radical do que o modelo de Cristo".

Este ano, o tema das Conferências de Maio do CRC foi sobre a *Fé cristã, profecia e cidadania: quatro legados para o século XXI*. Os quatro legados escolhidos foram Aristides de Sousa Mendes, Maria de Lourdes Pintasilgo, Manuela Silva e Alfredo Bruto da Costa. Isto é, para estas pessoas o modelo existencial de vida foi Jesus Cristo. Motivadas pela sua fé e pela sua relação com Jesus Cristo e com o Deus de Jesus Cristo, foram, cada um(a) do seu jeito e nas suas circunstâncias, profetas, tornando presentes dimensões fundamentais do Evangelho, e cujo legado pode ser muito inspirador para as jovens gerações que se interrogam sobre o que é ser cristão hoje.

Deixamos, aqui, passagens do texto de António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas, enviado para a primeira das quatro conferências, sobre Aristides de Sousa Mendes, cônsul português que, em Bordéus, salvou milhares de judeus em fuga do nazismo, desobedecendo deliberadamente às ordens do ditador Salazar.

Num contexto global marcado por crises complexas e interligadas, precisamos de bons exemplos, de hoje e de ontem – de exemplos que nos escorem na opção determinada e actuante pelo humanismo, pela solidariedade, pela concórdia, pelo valor da diversidade; e na igualmente determinada e actuante rejeição do ódio, da violência, da perseguição, da exclusão.

Aristides de Sousa Mendes é um exemplo notável dessa determinação e acção. Com a coragem da desobediência em face de um imperativo ético, e com a coragem de suportar as consequências que adviriam dessa desobediência, o então nosso cônsul em Bordéus procurou e logrou salvar milhares de vidas, quando confrontado com a barbárie do Holocausto e do extermínio deliberado de milhões de judeus.

Num cenário de completo desespero para tantos seres humanos, Aristides de Sousa Mendes permitiu-se devolver a esperança a quantos pôde. Vale a pena lembrar o que ele próprio escreveu em sua defesa, na contestação ao processo disciplinar que lhe foi movido: *era realmente meu objectivo salvar toda aquela gente, cuja aflição era indescritível*.

Diz Guterres que guarda a satisfação de ter estado associado, no decurso da sua vida política em Portugal, a acções que contribuíram para a reabilitação de Aristides de Sousa Mendes. Reconhece, contudo, que não temos sido capazes, enquanto humanidade, de prestar a homenagem que, por certo, mais o honraria – e aos muitos outros que agiram por não poder tolerar o sofrimento alheio. Essa homenagem seria a de evitar repetir cenários e circunstâncias em que a *aflição indescritível* de milhões de seres humanos é causada por acções e decisões de outros seres humanos [1].

2. O Papa Francisco não deixou passar o IV centenário do nascimento de Blaise Pascal (19.06.1623-1662), uma extraordinária figura cristã [2]. O seu desafio era o mundo a estudar cientificamente, mas o primado foram as suas experiências da descoberta de Jesus Cristo. Não confundia a ordem da natureza e a ordem da graça nem as punha em contradição. Uma não enfraquecia a outra.

Não pretendo, com esta crónica, dispensar a leitura desta magnífica Carta Apostólica sobre Pascal, como esta Carta não procura substituir o estudo da obra imensa deste grande cientista, filósofo e teólogo cristão. *Para ele, não só conhecemos a Deus unicamente por Jesus Cristo, mas também nos conhecemos a nós mesmos apenas por Jesus Cristo. Só conhecemos a vida, a morte, por meio de Jesus Cristo. Fora de Jesus Cristo, não sabemos o que é a nossa vida, a nossa morte, nem quem é Deus nem mesmo o que somos nós. Portanto, sem a Escritura, cujo único objecto é Jesus Cristo, não conhecemos nada e não vemos senão escuridão*.

Para Pascal, a pergunta do Salmo 8, 5 – *que é o homem para Te lembrares dele, o filho do homem para com ele Te preocupares?* – é a interrogação gravada no coração de cada ser humano, em todo o tempo e lugar, de qualquer civilização e língua, independentemente da sua religião.

Assim, vemos Pascal interrogar-se: *Que é um homem na natureza? Um nada comparado com o infinito, um tudo comparado com o nada.* Cunhou a expressão: *o ser humano não passa duma cana, a mais frágil da natureza, mas é uma cana pensante.*

Isto não substituí a sua *abertura de espanto à realidade*, que é abertura às outras dimensões do saber e da existência, abertura aos outros, abertura à sociedade. Estava atento aos problemas mais sentidos, bem como às necessidades materiais de todos os componentes da sociedade em que vivia.

É comovente constatar que, nos últimos dias da sua vida, um pensador tão genial como Blaise Pascal não via urgência mais sublime para investir as suas energias do que as obras de misericórdia: *o único objecto da Escritura é a caridade.*

Fora da perspectiva do amor, não há verdade que valha a pena: *Faz-se um ídolo até da própria verdade, pois a verdade fora da caridade não é Deus, é sua imagem e um ídolo que não se deve amar nem adorar. O drama, porém, da nossa vida é que às vezes vemos mal e, conseqüentemente, escolhemos mal.*

Por isso mesmo, a inteligência e a fé viva de Blaise Pascal, que quis mostrar que a religião cristã é *venerável porque conhece bem o ser humano e amável porque promete o verdadeiro bem*, podem-nos ajudar a avançar por entre as trevas e as desgraças deste mundo.

3. O Papa Francisco, antes de concluir esta sua Carta, tocou, sem aprofundar, as implicações de Pascal numa controvérsia que envolvia e contrapunha o jansenismo e a teologia do jesuíta Luís de Molina (1535-1600). Também não era este o assunto dominante deste documento.

Há mais de 30 anos abordei, nestas crónicas, a questão que trabalhava nas minhas aulas sobre a *Teologia das Realidades Terrestres*. Tentava mostrar que a experiência da densidade e complexidade do mundo não era incompatível com a intensíssima experiência de Deus. Yves Congar, O.P., fez o diagnóstico das razões da incredulidade da juventude do seu tempo: *a uma religião sem mundo, sucede um mundo sem religião.*

Blaise Pascal mostrou, na sua vida e na sua prática científica, filosófica e teológica, que não havia razões para contrapor a experiência mística de Deus, como pura graça, e as experiências múltiplas da sua vida. Eram experiências que se robusteciam mutuamente. Na raiz de certas formas de ateísmo existe uma rivalidade entre Deus e o ser humano. Não tem que ser assim. O amor apaixonado por Cristo e o serviço dos pobres eram, em Pascal, as duas faces de uma única realidade [3].

[1] Cf. 7Margens, 19.06.2023

[2] Carta Apostólica *Sublimitas et Miseria Hominis*, www.vatican.va. Já está editada em português pelas edições Paulinas.

[3] O primeiro volume da edição destas crónicas teve, precisamente, o título *A Humanidade de Deus*. Mário Figueirinhas Editor, Porto/Lisboa, 1995